

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT09.002

# A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**DIEGO GONZAGA DUARTE DA SILVA**

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Viçosa. Professor do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Acadêmica de Carangola, [diegoduartegeo@gmail.com](mailto:diegoduartegeo@gmail.com);

**BRUNA LETÍCIA SIMÕES DE ALMEIDA**

Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Acadêmico de Carangola, [bruna12simoes@gmail.com](mailto:bruna12simoes@gmail.com);

**KAMYL A SIQUEIRA DE OLIVEIRA**

Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Acadêmico de Carangola, [kamylasiqueira@hotmail.com](mailto:kamylasiqueira@hotmail.com).

## RESUMO

A presente pesquisa buscou compreender como a organização dos espaços das instituições da Educação Infantil contribui para o desenvolvimento integral das crianças. Desta forma, buscamos evidenciar a importância da organização do espaço para o desenvolvimento integral das crianças da Educação Infantil e, também, os desafios encontrados pelos educadores sobre a organização dos espaços/ambientes na Educação Infantil. Em termos metodológicos, nossos dados foram obtidos a partir de Teses e Dissertações identificadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações no período de 2015 a 2021 e, posteriormente, foram submetidas ao método Análise de Conteúdo. Os dados da pesquisa possibilitaram identificar as potencialidades e os desafios para a organização dos espaços na Educação Infantil. Dentre as potencialidades, identificamos que a organização do espaço pode contribuir para o desenvolvimento da criatividade e do imaginário infantil, além de favorecer a interação das crianças com os objetos situados no espaço, com os adultos e com outras crianças. Por sua vez, os desafios identificados dizem respeito a dificuldade de alguns educadores reconhecerem determinados espaços como educativos, os problemas

estruturais que comprometem o desenvolvimento de práticas educativas nos espaços da Educação Infantil, dentre outros desafios. Em nossas análises, destacamos que a organização do espaço é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças da Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Organização do Espaço, Práticas Pedagógicas, Teses e Dissertações.

## INTRODUÇÃO

---

O conceito de infância vem sendo modificado ao longo dos séculos. Do ponto de vista sociológico, inicialmente, a criança era vista como um adulto em miniatura e, posteriormente, associada à fragilidade e classificada como uma fase de transição pelas teorias biologizantes, recebendo uma categoria social. De acordo com Ruiz (2015), a infância foi compreendida a partir do que faltava na criança em relação ao adulto, sem considerar suas competências e saberes, enquanto agentes sociais. Contudo, esse reconhecimento passou a fazer parte do pensamento social, uma vez que as crianças se expressam em suas brincadeiras e linguagens, imprimindo, assim, sua personalidade na construção do eu.

A subjetividade se forma na interação com a sociedade, com base no engajamento nos espaços coletivos, como na escola, onde a criança se relaciona com seus pares, trabalhando com novas determinações e novos limites (PAIVA; NUNES; DEUS, 2010). A infância possui origens historicamente fundamentadas em visões que distorcem as metodologias de ensino. Em contraponto, havendo a necessidade de se pensar práticas de ensino voltadas para a construção efetiva e significativa de saberes na Educação Infantil, é indispensável situar a correlação saberes-prática-espaço, em que há um processo de busca pela sistematização de conhecimentos no âmbito da ludicidade.

O espaço na Educação Infantil, como pressuposto pedagógico, é essencial para construir pontes eficazes para a sustentação de conhecimentos. Sendo, portanto, indissociável do ambiente (RUIZ, 2015), onde se mantêm, simultaneamente, como ferramenta educacional, quando organizados e preparados para tais fins. Este, constitui uma dimensão física, uma extensão com ou sem limite, enquanto o ambiente, abrange tudo o que está no espaço, provocando diversas sensações. Para Forneiro (1998), o espaço é um conjunto de ambientes. Por isso, é possível que em um mesmo espaço sejam encontrados diferentes ambientes, os quais podem proporcionar desafios e provocar interações e aprendizagens.

A Educação Infantil é um espaço de convivência e de vivências, de trocas de experiências e de aprendizagem, onde a criança tem a oportunidade de observar o espaço/ambiente e nele interagir. Suas atribuições, enquanto mecanismo para a comunicação e a materialização gestual, constituem a identidade infantil, fazendo-se nas relações mediadas pelos aspectos dos ambientes e pela estruturação

escolar. São ferramentas que, quando inseridas em práticas pedagógicas, dinamizam e enriquecem os métodos de ensino.

A Educação Infantil tornou-se um componente obrigatório na Educação Básica, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (BRASIL, 1996). As creches, que até então, difundiam um modelo assistencialista no cuidado às crianças, sendo uma rede de apoio às mães trabalhadoras, em uma educação compensatória, passam a configurar um ambiente de ensino-aprendizagem.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998), fomenta que a escola deveria ser integradora na estruturação do ser social, idealizando a expressividade e a interação, incutidos no processo de brincar, assim como no desenvolvimento de suas habilidades, considerando toda a diversidade brasileira. Essas são algumas funções da escola definidas pelo documento, que ainda faz alusão à utilização dos espaços: “Não é desejável que a creche seja considerada apenas um espaço de cuidados físicos e recreação e a pré-escola o local onde se legitima o aprendizado” (BRASIL, 1998, p. 66).

Neste contexto espacial, Ruiz (2015) confronta os mecanismos de controle e hegemonização, com a docilização dos corpos e a padronização de comportamentos em relação à dinâmica espacial pretendida para uma instituição educacional. A autora faz menção a uma visão adultocêntrica dos profissionais da educação, sem ponderar perspectivas infantis na disposição do ambiente, dirimindo as relações entre os pares e o desenvolvimento global do indivíduo.

Tendo em vista as perspectivas apresentadas, é que surgiram as questões orientadoras deste estudo. São elas: Em que medida a organização de um espaço educativo favorece o desenvolvimento de metodologias de ensino na Educação Infantil? Quais são as possibilidades pedagógicas de utilização de tais espaços? Quais são os desafios para uma construção pedagógica eficiente integrando o espaço nas metodologias educacionais?

Assim, os objetivos desta pesquisa visam compreender como a organização dos espaços/ambientes da Educação Infantil contribuem para o desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil e apresentar os desafios encontrados, em relação à organização dos espaços/ambientes, a partir das Teses e Dissertações identificadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com base em revisão bibliográfica a partir de trabalhos publicados entre 2015 e 2021.

O artigo se estrutura ao longo de cinco seções: a primeira compreende a introdução, contemplando uma breve contextualização e delimitação do tema, a

apresentação do problema, a relevância deste estudo e os objetivos de pesquisa; na segunda seção, a partir de uma revisão bibliográfica, apresentamos a importância do espaço no processo ensino-aprendizagem na Educação Infantil, destacando as principais considerações sobre o conceito de espaço/ambiente; na terceira seção, foram descritos os procedimentos metodológicos da pesquisa; na quarta seção, foram apresentados os resultados e as discussões; e, por fim, na última seção, apresentamos nossas considerações finais.

## **METODOLOGIA**

---

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, de cunho bibliográfico, utilizando a análise de conteúdo, como sugere Bardin (2011), baseada em procedimentos de sistematização, codificação e categorização, de modo a compreender como a organização dos espaços/ambientes da Educação Infantil contribui para o desenvolvimento integral das crianças e apresentar as os desafios encontrados pelos educadores sobre a organização desses espaços/ambientes. Conforme Tumelero (2019), a pesquisa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa, tornando-o mais explícito ou facilitando a construção de hipóteses. Foi realizado um levantamento bibliográfico e posterior análise dos materiais encontrados sobre o tema.

Como ferramenta norteadora para a efetivação desta pesquisa, foi elaborado um levantamento de dados, por intermédio da plataforma: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>1</sup>, em que se delimitou como recorte temporal o período entre 2015 e 2021. Considerando a temática abordada, para selecionar as pesquisas analisadas, utilizamos os descritores: *organização do espaço na Educação Infantil; ambientes na Educação Infantil; o espaço físico na creche; o espaço físico na Educação Infantil; o espaço físico na pré-escola; infraestrutura na Educação Infantil.*

Definimos os seguintes critérios: o primeiro foi delimitar nossos estudos em um período temporal, especificamente entre os anos de 2015 e 2021. Um segundo critério foi a seleção somente de trabalhos que discorrem sobre a organização do espaço/ambiente na Educação Infantil. Como último critério, foram excluídos os

---

1 Link para acesso a página da BDTD: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>.

trabalhos que não discutem o espaço/ambiente. Utilizamos, então, as Dissertações e Teses que contemplem o termo *organização do espaço na Educação Infantil*.

Após as filtrações, obtivemos um total de 4 Teses e 6 Dissertações, conforme apresentado no quadro 01:

**Quadro 1: Teses e dissertações analisadas**

Título	Autoria/ Ano	Programa de Pós-Graduação	Universidade	Natureza
Imagens da experiência educativa de professores da educação infantil no espaço-ambiente do Proinfância	Vieira (2016)	Educação	Universidade Federal do Paraná	Tese
A construção do espaço: dos documentos às concepções e práticas educativas na educação infantil	Ruiz (2015)	Educação	Universidade de São Paulo	Tese
Um estudo sobre a qualidade do ambiente educativo da creche	Leardini (2015)	Educação	Universidade Estadual de Campinas	Tese
Os espaços das pré-escolas municipais de São Paulo: projetos, usos e transformações	Duarte (2015)	Educação: Currículo	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Tese
O que pensam as educadoras e o que nos revelam os bebês sobre a organização dos espaços na educação infantil	Silva (2018)	Educação	Universidade Federal de Sergipe	Dissertação
A organização do espaço na educação infantil: contribuições da teoria histórico-cultural	Nunes (2018)	Educação	Universidade Estadual de Maringá	Dissertação
A organização dos espaços na educação infantil: possibilidades educativas na proposta Fazer em Cantos	Pessoa (2015)	Educação	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	Dissertação
A organização do espaço na Educação Infantil e o desenvolvimento integral da criança: sentimentos e ações em turmas de pré-escola	Rabelo (2017)	Educação	Universidade Federal do Ceará	Dissertação
Entrelaçando vozes e embalando experiências: as percepções dos professores sobre a organização dos espaços para a promoção do protagonismo infantil	Santos (2021)	Ensino	Universidade do Vale do Taquari	Dissertação
Espaços/ambientes de infância e as práticas pedagógicas em educação ambiental	Souza (2017)	Educação	Universidade Federal do Paraná	Dissertação

Fonte: Dados de pesquisa 2021

Como é possível visualizar, com a apresentação do quadro 01, nosso escopo de pesquisa foi composto por 10 trabalhos produzidos em Programas de

Pós-Graduação brasileiros, constituídos por quatro teses e seis dissertações. É possível verificar uma tendência de interesse em trabalhos deste nível na temática proposta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizar as análises, definimos duas grandes categorias nas quais se enquadram as principais defesas das dissertações e teses, a partir das pesquisas encontradas na plataforma BDTD. Notamos que esses trabalhos ressaltam a importância da organização dos espaços escolares na Educação Infantil e/ou mostram desafios para que essa organização se desenvolva. Assim, essas abordagens foram distribuídas em dois tópicos delineados nesta seção: *a importância da organização do espaço para o desenvolvimento integral das crianças da Educação Infantil*; e *os desafios encontrados pelos educadores sobre a organização dos espaços/ambientes na Educação Infantil*.

### A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para o tema *importância da organização do espaço para o desenvolvimento integral das crianças da Educação Infantil*, os trabalhos analisados identificaram que a organização do espaço é importante, pois: i) estimula a criatividade, o imaginário e evoca o protagonismo infantil (SILVA, 2018; PESSOA, 2015; LEARDINI, 2015); ii) favorece a interação das crianças com o espaço e com seus pares (SOUZA, 2017); iii) contribui para a formação de sujeitos autônomos (SANTOS, 2021; RABELO, 2017; VIEIRA, 2016); e iv) favorece o desenvolvimento de uma educação emancipatória e humanizadora (NUNES, 2018).

Em relação à noção que indicou que a organização do espaço contribui para estimular a criatividade, o imaginário e evocar o protagonismo infantil, Silva (2018), Pessoa (2015) e Leardini (2015) reconhecem a importância da organização do espaço para o desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil, bem como, a seleção dos materiais, objetos e recursos que compõem o espaço/ambiente. Neste sentido, é importante que o profissional estipule quais objetivos educacionais pretende desenvolver, por exemplo: os aspectos cognitivos (jogo da



memória), motores (encaixe), físicos (bambolês), a criatividade (artes plásticas) (PESSOA, 2015).

Para Silva (2018), a organização dos espaços é um dos focos do planejamento pedagógico. Por isso, é reconhecido como importante componente curricular, já que expressa e perpetua concepções de criança, infância e educação. É fundamental que a criança esteja em um espaço com objetos diversos, com os quais ela possa criar, imaginar, construir e brincar, além de interagir com seus pares. Dentre as estratégias ressaltadas, a roda de conversa, por exemplo, permite que a criança tenha voz e escuta. Com base nesta estratégia, ela pode se tornar protagonista na transformação, tanto do espaço/ambiente quanto do cotidiano da Educação Infantil, principalmente de seu próprio desenvolvimento, sendo capaz de, em contato com seu meio físico e social, construir e reconstruir seus conhecimentos, ampliando suas aprendizagens.

De acordo com Pessoa (2015), o ambiente precisa ser flexível e passar por uma modificação frequente, tanto pelas crianças quanto pelos professores, para permanecer sempre atualizado e sensível às necessidades das crianças, tornando-as protagonistas na construção de seu próprio conhecimento. A autora reconhece a importância do professor para organização do espaço, baseando-se na escuta, no diálogo e na observação das necessidades e dos interesses das crianças. Segundo ela, o ambiente atua como um estímulo que favorece a espontaneidade, a criatividade e a autoconfiança. Além disso, o ambiente exerce influência na aprendizagem, pois facilita a manifestação das diferentes etapas do desenvolvimento, nas quais as crianças podem desenvolver diversos papéis em suas brincadeiras.

Corroborando com as ideias de Pessoa (2015), Leardini (2015) propõe que o espaço/ambiente deve favorecer as brincadeiras, os jogos, a exploração, a interação, o movimento e a criatividade, recomendando, assim, a organização, a disposição e a variedade de recursos que favoreçam a flexibilidade e a adequação infantil. Torna-se necessário propor espaços que oportunizem determinadas ações e interações, atendendo as necessidades infantis, garantindo conforto e segurança, promovendo desafios constantes e formando sua identidade. Isto posto, Pessoa (2015) salienta que o modo como o espaço é constituído, interfere nas relações das crianças com este, incitando a inquietação ou movimento contrário.

Em suas análises, Silva (2018) pontua que a configuração de um espaço educativo é legitimada pela evidência de brincadeiras, interações e explorações, delineadas a partir dos materiais dispostos em seu arranjo. A autora chama a



atenção para a potencialidade formativa que há na prática, formada por elementos teóricos implícitos. Portanto, o espaço deve ser bem estruturado, com áreas adequadas para se mover, brincar, engatinhar, dar os primeiros passos e explorar o ambiente. Ele se configura como um parceiro no fazer pedagógico, em que a prática docente acontece de modo descentralizado da figura do adulto. Assim, as ações dos bebês, por exemplo, ganham formas pelos desafios que os levam a elaborar estratégias para explorar e brincar.

No que se refere à noção em que a organização do espaço/ambiente na Educação Infantil favorece a interação das crianças com o meio e com seus pares, Souza (2017) pontua que o conhecimento se constrói na interação das crianças com seu próprio corpo e meio, descobrindo movimentos e sensações. Para ela, o espaço/ambiente contribui para a formação humana, devendo formar sujeitos capazes de agir e compreender o mundo em sua volta de forma crítica. A organização do espaço reflete a qualidade do cuidado com as crianças, podendo potencializar as práticas pedagógicas. Entretanto, as instituições escolares desconsideram o *petiz* como um ser social, arraigado de identidade cultural e organizam o ensino de modo a não compreender essas especificidades do sujeito.

Torna-se necessário qualificar as vivências das crianças, por meio de um espaço/ambiente organizado, que promova essa qualificação. Os espaços/ambientes, assim como o professor, constituem-se como mediadores das ações das crianças, além de integrar conhecimentos e experiências, contribuindo para sua autonomia. Em relação à noção que indicou que a organização dos espaços/ambientes na Educação Infantil contribuindo para a formação de sujeitos autônomos, Santos (2021), Rabelo (2017) e Vieira (2016), destacam esses elementos. Ao se pensar na organização do espaço/ambiente, deve-se considerar que a criança precisa de um espaço-tempo diferenciado, para poder usufruir de sua infância e, em simultâneo, construir sua autonomia, sua identidade e (res)significar seus saberes:

[...] organizar os ambientes de aprendizagem é complexo e exige que o professor compreenda o seu papel na relação com a criança e com a proposta educativa, sendo um organizador e um estimulador de oportunidades. Acreditamos que os ambientes de aprendizagem precisam estar em consonância com os projetos vivenciados pelas crianças e pelos adultos, ao mesmo tempo em que abrem a porta para uma multiplicidade de conexões que não é dada, mas construída no coletivo entre as crianças, entre elas com os adultos e por meio da exploração e da experimentação com o espaço, o que depende da 'disposição dos móveis e materiais, das

cores, dos odores, dos desafios que esse meio proporcionará às crianças' [...]. Para tanto, necessita que esteja descentralizado da figura do adulto (SANTOS, 2021, p. 98).

Com base no fragmento acima, podemos considerar que o espaço/ambiente se confirma por oportunidades em que a criança prova suas habilidades de exploração, testando seus limites e possibilidades. De acordo com Vieira (2016), isso exige enxergar as ações com autonomia de movimentos, em que a criança pode realizar algo com seus pares, os quais têm diferentes capacidades desenvolvidas. Assim, o espaço deve ser utilizado com vias a promover o livre acesso aos materiais e objetos, para que, essa interação permita que as crianças possam transcender tais concepções, em meio a sociedade, em um preparo emancipador e construtivo.

Um espaço aberto, de acordo com Vieira (2016), é mais amplo que a sala de aula e permite que as crianças experimentem um tipo de circulação diferente. Elas podem circular livremente com elementos escolhidos para suas brincadeiras e vivências, sobretudo, pela autonomia de movimentação. Porém, nessas condições, torna-se necessário uma atitude de cuidado, entendido como responsabilidade, para que elas possam realizar suas experiências e vivenciar sua autonomia sem riscos. Assim, o espaço/ambiente deve se adequar à movimentação da criança e da sua interação física com os materiais e objetos, com adultos e seus pares, promovendo segurança e aconchego. Deve, também, permitir que a criança possa explorá-lo utilizando-se de todos os seus sentidos.

Para além, Santos (2021) afirma que os materiais devem estar à altura da criança para que ela tenha autonomia para selecionar o objeto que quiser, e, assim, experimentar possibilidades diferentes e vivenciar suas experiências. Segundo ela, é importante que os objetos não sejam complexos e atribuídos de pormenores, fomentando a criatividade das crianças, deixando-as livres para idealizarem suas brincadeiras e jogos. A autora ainda enfatiza a necessidade de garantir espaços/ambientes que promovam a segurança, a autonomia e o movimento das crianças em suas relações, experiências e descobertas. O olhar do adulto é fundamental para superar barreiras e, assim, promover avanço na qualidade da Educação Infantil e na vida das crianças.

Conforme Rabelo (2017), o professor precisa ter sensibilidade para as linguagens e para os sentimentos de bem-estar emocional da criança, para os interesses pessoais e para o estímulo à sua autonomia, devendo mediar a construção de conhecimentos científicos, artísticos e tecnológicos. Esse objetivo busca potencializar:

"[...] a autonomia e a valorização que cada uma possui, na individualidade de seu tempo e de seu espaço, para se descobrir e conhecer o mundo" (*Ibidem*, p. 63). A autonomia deve ser prioritária no desenvolvimento da individualidade e a organização do espaço/ambiente escolar precisa representar essa concepção, sobretudo, com possibilidades para escolhas, limites, pertencimento e responsabilidades entre aluno e professor.

No que se refere à noção que favorece o desenvolvimento de uma educação emancipatória e humanizadora, Nunes (2018) identifica as contribuições da Teoria Histórico-Cultural para a composição dos espaços organizados intencionalmente. Para ela, o espaço deve ser organizado em uma perspectiva de Educação Humanizadora que não reafirme os valores da sociedade capitalista, indicando que:

A garantia da Educação humanizadora requer, em nosso entendimento, a escolha de um programa de formação que possibilite a organização do ensino alicerçado nas máximas elaborações humanas, desde a Literatura Infantil, a Arte, os recursos didáticos até a composição dos espaços (NUNES, 2018 p. 115).

A organização do espaço interno e externo é fundamental para que a criança além de brincar, possa se desenvolver plenamente. Por isso, Nunes (2018) enfatiza a função da escola em uma perspectiva de humanização e emancipação, em promover a aprendizagem e o desenvolvimento, o que requer pedagogos comprometidos com esses valores. A autora destaca que devemos valorizar as relações humanas no ambiente educacional como instrumento pedagógico, compreendendo todos aspectos advindos das relações sociais das crianças, nas atividades escolares, estimulando processos críticos e reflexivos.

No entanto, antes da organização do espaço/ambiente, torna-se necessário um trabalho pedagógico, estudos e decisões coletivas, de modo a favorecer a compreensão de que nesses espaços/ambientes, devem manifestar-se por meio de um trabalho educativo e humanizador. Isso porque, para a organização do espaço/ambiente é preciso que os educadores criem condições favoráveis, que enriqueçam o desenvolvimento da criança, podendo ocorrer nas interações, recursos, materiais, objetos, dentre outros. Passamos a analisar nossa segunda categoria.

## **OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS EDUCADORES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS/AMBIENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Para o tema: *os desafios encontrados pelos educadores sobre a organização dos espaços/ambientes da Educação Infantil*, os trabalhos analisados identificaram: i) o não reconhecimento de determinados espaços/ambientes como educativos (SOUZA, 2017; RABELO, 2017; VIEIRA, 2016; RUIZ, 2015); ii) as dificuldades dos educadores para desenvolverem práticas recreativas nos espaços (SANTOS, 2021); iii) a dificuldade de caracterizar o aluno como protagonista do espaço educacional (SILVA, 2018; NUNES, 2018; PESSOA, 2015); e iv) os problemas estruturais que implicam no desenvolvimento das práticas educativas (LEARDINI, 2015; DUARTE, 2015).

Em relação à noção que indicou a falta de reconhecimento de determinados espaços/ambientes como educativos, por parte dos educadores, Souza (2017), Rabelo (2017), Vieira (2016) e Ruiz (2015) abordam a escola como um espaço de construção de identidades, subjetividades e cultura, adequado para a vivência de experiências diversas. Portanto, a educação é responsável pela formação integral da criança, devido sua função sociopolítica e pedagógica. No entanto, foram identificadas algumas similaridades e discrepâncias sobre o espaço/ambiente, com destaque na colocação dos materiais ao alcance das crianças, a função da escola, enquanto espaço de formação da criança e a atribuição do professor, como mediador no processo de ensino e aprendizagem, assim como o espaço/ambiente o é.

Em suas análises, Souza (2017) indicou que a organização dos espaços/ambientes deve considerar os interesses das crianças, respeitando suas vivências e experiências, levando-as à investigação sobre seu meio. A organização do espaço/ambiente tem sempre uma intencionalidade, não podendo ser vista como neutra. Ao contrário disto, ela revela práticas e concepções pedagógicas. O espaço/ambiente, além de potencializar as práticas de ensino, integra conhecimentos e experiências. Nele, a criança pode agir de maneira autônoma. Isso sugere que o inesperado pode acontecer, levando a situações e interações espontâneas, nem sempre planejadas. De acordo com a autora, para a organização do espaço, também é preciso considerar a escolha dos materiais, cabendo uma investigação sobre suas propriedades e possibilidades, com foco nos aspectos positivos a serem oferecidos às crianças,

[...] o modo como um espaço físico está organizado revela a concepção pedagógica e documenta o que está sendo vivenciado, além de

proporcionar experiências significativas na relação da criança com o espaço e com o outro, tendo-se no espaço um terceiro educador (SOUZA, 2017, p. 19).

Mais adiante, Souza (2017) identifica, ainda, a função dos espaços/ambientes como um aspecto importante, haja vista, que eles promovem interações, relações e vivências. A organização do espaço/ambiente exige a participação de todos os envolvidos. Este deve ser pensado e planejado coletivamente, de modo que permita às crianças a aprendizagem a partir da realidade, de vivências e da interação.

Por sua vez, Rabelo (2017) aborda a visão arcaica, limitada e padronizada, que muitas vezes é colocada sobre o educador da Educação Infantil, visto apenas como um *cuidador*. Essa visão distorcida da função docente, impede a percepção das crianças e também dos professores como atores educacionais, favorecendo a rejeição, a desmotivação, o conformismo, o fracasso, a evasão escolar, dentre outros prejuízos. Esses estigmas negativos podem permanecer no espaço educacional por muito tempo, e ainda, comprometer a qualidade do ensino, assim,

[...] para o pleno desenvolvimento da criança, a escola precisa proporcionar situações de exploração do corpo e do espaço, elaboração de hipóteses, expressão de ideias e sentimentos. O professor, como principal mediador, necessitará: 1) auscultar o aluno; 2) analisar a moda; 3) iniciar o processo educativo de onde o aluno está; 4) iniciar sempre pelo concreto; 5) investir em sua carreira docente; e 6) valorizar sua experiência de magistério (RABELO, 2017, p. 75).

A efetividade repulsiva no espaço escolar, como nos casos citados acima, ultrapassa a dimensão individual e cognitiva, abrangendo a dimensão social e, desta maneira, prejudica o indivíduo e a sociedade. O estigma negativo desenvolvido no espaço escolar pode repercutir por toda a vida. Em contrapartida, Rabelo (2017) propõe que o ambiente educacional proporcione experiências para promoção de práticas pedagógicas que abarque situações de vulnerabilidade, às quais os alunos podem estar suscetíveis, além dos aspectos curriculares padronizantes do ensino.

Para além, Vieira (2016) destaca a construção de um método que ensaje a pensar a educação como experiência. A autora recorre a diálogos entre áreas do conhecimento, de modo a evidenciar a Educação Infantil como experiência, sobretudo, por meio da fotografia, um instrumento que compõe uma visão sobre o espaço/ambiente. Para isso, a autora ainda caracteriza as dimensões do tempo e do espaço, para, assim, compor um arranjo sobre o vivido e localizar os componentes

para os quais o indivíduo que viveu tal experiência, atribuindo sentidos e significados. No entanto, a fotografia não captura o movimento, como o cinema o faz, mas sugere uma ação não concluída, configurada por elementos que produzem um vazio provocado pelo rompimento do tempo e pela estagnação do movimento.

A observação das crianças, enquanto saber educativo, sugere a intenção de propiciar um espaço/ambiente habitável, pertinente aos modos de ser, agir e pensar, capaz de contemplar sua perspectiva de vida. As imagens e fotografias, enquanto aparatos de observação, representam momentos e permitem configurar um pensamento sobre a prática pedagógica, conformando a experiência educativa e oportunizando a reflexão sobre o espaço/ambiente por uma perspectiva estética. Nesse âmbito, Vieira (2016) estrutura os componentes didáticos, a flexibilidade dos materiais e a transitoriedade dos objetos. Para ela, os materiais e objetos devem ser/estar acessíveis às crianças, tanto por sua mobilidade quanto pela ressignificação de uso e conforme seu interesse próprio. Isso amplia as possibilidades interativas, a aprendizagem de habilidades e a transcendência pela imaginação,

[...] tendo os componentes didáticos e os componentes interativos como parâmetros para analisar os modos de organização do espaço-ambiente da educação infantil pelos eixos interações e brincadeira em sua dimensão didática, a inter-relação destes componentes evidencia como possibilidade o diálogo entre as perspectivas da prática educativa e da criança e constitui sentido educativo à sua organização (VIEIRA, 2016, p. 207).

Torna-se necessário a compreensão sobre como as relações entre o espaço, os objetos e os sujeitos se estabelecem a partir do vínculo que as crianças constroem com o espaço/ambiente, propício para a expressão de emoções, enunciações e significações. A perspectiva estético-didática foi o que permitiu a Vieira (2016) compreender como os saberes didáticos e estéticos incidem na organização do espaço/ambiente, tendo como resultado, a reflexão da experiência educativa.

No que lhe concerne, Ruiz (2015), compreende o espaço para a infância como de fundamental importância para o alcance de um ambiente educativo de qualidade. Porém, a compreensão do espaço como componente curricular, deve refletir as ações do professor, o qual deverá dedicar parte de seu plano de trabalho para as decisões que se referem aos espaços: como organizá-los, equipá-los, estruturar o projeto formativo em torno dos espaços disponíveis e os recursos incorporados a ele, dentre outros. Conforme a autora, promover a transformação das práticas a



partir da transformação do espaço gera insegurança nos professores, mas é o que possibilita um espaço potencialmente enriquecedor, podendo levar a novas perspectivas de trabalho. Assim, o professor torna-se um arquiteto que transforma o espaço para alcançar suas finalidades educativas, bem como, embasando-se na proposta pedagógica da instituição.

O espaço deve proporcionar à criança, a apropriação de novas experiências, possibilitando-lhe transformá-lo constantemente, bem como promover diálogo, estimular a descoberta, influenciar suas relações, incentivar sua autonomia e liberdade, fomentar a imaginação e a fantasia e, ainda, valorizar as experiências lúdicas e favorecer as brincadeiras. Segundo Ruiz (2015), a discussão sobre o espaço infantil ganha relevância quando relacionada à qualificação do ambiente educativo. Porém, o potencial educativo do espaço perde sua potência quando as dimensões, tempo e relações, não estão consoantes com as concepções sobre o espaço.

Em relação à noção identificada sobre as dificuldades de os educadores desenvolverem práticas recreativas nos espaços e a dificuldade de caracterizar o aluno como protagonista do espaço educacional, Santos (2021), Silva (2018), Nunes (2018) e Pessoa (2015) apresentam perspectivas que norteiam o enfrentamento aos problemas. Por sua vez, Nunes (2018) ressalta que os espaços internos, como a sala de aula, são os locais onde as atividades ocorrem com maior frequência, revelando, portanto, uma dificuldade por parte dos professores em utilizar os espaços/ambientes como opção para novas aprendizagens. Tal dificuldade se justifica pela necessidade de construção de um planejamento mais flexível por esses profissionais da educação, os quais devem vivenciar junto às crianças, os espaços/ambientes, reorganizando-os durante as atividades.

De acordo com Nunes (2018), é possível promover ações que desenvolvam as capacidades plenas dos alunos. Os recursos didáticos e a organização do espaço configuram-se como excelentes conteúdos e estratégias para o trabalho com as crianças. No entanto, o que se observou, é que a decoração e a organização dos espaços se centram na figura do professor, com imagens estereotipadas coladas nas paredes e personagens sem participação, dentre outros materiais, recursos e objetos, que comprometem a organização do espaço e dificultam a aprendizagem das crianças. Segundo Pessoa (2015), as dificuldades identificadas precisam ser superadas e um dos aspectos evidentes refere-se à organização dos espaços. Para isso, é preciso rever concepções e dialogar sobre as dificuldades para se avançar,



garantindo uma educação de qualidade e o respeito às crianças, como um sujeito de direitos, buscando a emancipação.

Ao refletir sobre as práticas de ensino desenvolvidas com crianças da primeira infância, Santos (2021), toma como exemplo sua própria infância. Para ela, é importante repensar as práticas pedagógicas além do olhar adultocêntrico. Conceber o *petiz* como agente transformador, arraigado de simbologias concernentes a suas vivências, distancia a prática pedagógica de concepções do mundo adulto. É preciso, de acordo com essa pesquisa, transformar o olhar sob o ser infantil, percebendo-o como capaz de se desenvolver histórica e culturalmente, e não como uma “página em branco”. Cabe ao educador observar as brincadeiras, as experimentações e as interações que ocorrem nos espaços/ambientes, com foco na organização desses arranjos. Para Silva (2018), educar é uma prática que enxerga e acolhe o protagonismo infantil, buscando a construção de aprendizados múltiplos, com escuta ativa e ambiente aberto ao diálogo.

Ainda em Santos (2021), a mesma, compreende que a criança é protagonista, pois não pede licença para se emancipar. Segundo Rabelo (2017), as ações protagonistas fortalecem a percepção de um espaço educativo rico e dinâmico, construído e reconstruído pelos sentidos e significados que o grupo imprime. Por isso, é preciso romper com o conformismo, com o desânimo e com a passividade que atrapalham o pensar, o planejar e o trabalho coletivo. Nestes aspectos, Santos (2021), evidencia que seja incitada a autonomia no processo de sistematização do ensino, facultando a organização do espaço nestas concepções.

A organização do espaço era vista, anteriormente, apenas como um local físico onde se realizavam as atividades educativas, o que dificultava o desenvolvimento de práticas educativas eficazes e, conseqüentemente, dificultava também, o protagonismo das crianças. Mas, hoje, este se transforma em um ambiente que revela se as práticas pedagógicas estão promovendo ou dificultando esse protagonismo. Dentre essas transformações, de acordo com Santos (2021), está o cuidado e a educação, fatores indissociáveis das práticas educativas, bem como as interações e brincadeiras:

[...] colocar os materiais ao alcance das crianças e criar os cantinhos pedagógicos na sala referência, por si só, não configuram práticas pedagógicas em que os ambientes de aprendizagem estejam promovendo o protagonismo das crianças. Entendemos ser indispensável uma organização que atenda à criança e suas necessidades, ao mesmo tempo em que seja desafiador a ponto de permitir que a criança investigue, explore,

crie, monte e desmonte, construindo novas oportunidades de experienciar e de aprender, sem que suas ações e experiências sejam vigiadas e interrompidas pelo adulto, pela rotina ou pelo próprio tempo, marcado pela hora cronometrada do relógio (SANTOS, 2021, P. 97).

A organização dos espaços/ambientes de aprendizagem precisa ultrapassar a noção simplista de **cantinhos**, que, na maioria das vezes, permanecem estáveis, com a mesma organização durante todo o ano, impossibilitando a vivência de novas experiências. Conforme Santos (2021), torna-se fundamental promover atividades que descontinuem a constância na rotina escolar, oportunizando movimentos comuns às vivências dos educandos, compreendendo as diversas infâncias que compõem o cenário da Educação Infantil.

Em concordância, para Silva (2018), o deslocamento das crianças para um espaço/ambiente amplo, com objetos que instigam o **agir** e as trocas de experiências sociais, favorece o protagonismo. Isso também é evidenciado por Pessoa (2015), que ressalta que o espaço da sala de aula, às vezes, dificulta o desenvolvimento das práticas educativas. Torna-se necessário que a escola volte o seu olhar para as crianças e suas necessidades, enfocando tempos e espaços que permitam-lhes construir sua própria história, para, assim, desenvolver suas práticas educativas, sem controle ou aceleração do tempo relativo às suas experiências.

Perceber as dificuldades já é o início para discutir essa questão e romper as barreiras que permeiam as práticas educativas nos espaços/ambientes. É fundamental enriquecer-se de metodologias que efetivem a participação das crianças nessas práticas, pois uma só metodologia não satisfaz a educação, haja vista que cada criança possui sua própria maneira de aprender. Por isso, é preconizada a importância de considerar diferentes possibilidades para o acolhimento e para potencializar o protagonismo infantil. Segundo Santos (2021), a maneira como organizamos o espaço/ambiente pode potencializar o crescimento pessoal e coletivo das relações e aprendizagens das crianças.

Sobre a noção que identificou os problemas estruturais que implicam o desenvolvimento das práticas educativas, Leardini (2015) e Duarte (2015) consideram o espaço/ambiente como elemento significativo do currículo. Porém, em muitas escolas são percebidos a falta de conforto, de mobiliário adequado, de ventilação, de iluminação, espaço reduzido, brinquedos, livros, jogos, dentre outros problemas estruturais. Fica evidente a necessidade de se considerar a qualidade no

atendimento às crianças, compreendendo que tal atributo contempla aspectos de ordem estrutural, como:

[...] espaços físicos, o tipo de construção, o atendimento a critérios de luminosidade, ventilação entre outros, da diversificação, quantidade e disponibilidade de recursos e materiais acessíveis às crianças e profissionais para a promoção de práticas educativas [...] (LEARDINI, 2015, p. 34).

Essas necessidades configuram pressupostos para os padrões mínimos de infraestrutura e funcionamentos adequados aos espaços, de modo a garantir qualidade no atendimento, e propiciar condições para os momentos individuais e coletivos, flexibilidade e manutenção desses espaços/ambientes, diferentes formas de uso e aproveitamento, dentre outros, garantindo acessibilidade e liberdade de expressão.

Para Duarte (2015), a funcionalidade e a organização dos espaços/ambientes vinculam-se às concepções pedagógicas e administrativas, caracterizando todas as instituições de ensino, as quais precisam ser condicionadas às reais necessidades das crianças, dando destaque para brincadeiras, para as atividades exploratórias, para interações, para as manifestações artísticas, para o repouso e higiene.

Nesta perspectiva, Leardini (2015), indica a importância de se garantir uma estrutura física de qualidade, para evitar situações de perigo, bem como, contemplar a funcionalidade e adaptação dos espaços/ambientes, devendo, também, atender as necessidades educativas especiais. Este trabalho destaca a instalação de rampas, barras e outros recursos de acessibilidade, pois há diferenças físicas que só podem ser alteradas com reformas estruturais. Tudo isso é importante, pois a percepção da potencialidade dos espaços/ambientes para a promoção do protagonismo infantil, permite à criança fazer suas próprias escolhas, explorar os materiais e o espaço com autonomia e sem pressa para construir seus conceitos em meio às descobertas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

A Educação Infantil é a etapa da escolarização básica onde a criança se desenvolve de forma integral. É um lugar de oportunidades e de desafios, de investigação e de exploração, de manifestação do corpo e das linguagens, bem como

do cuidar e do educar. Enquanto primeira etapa da educação Básica, a Educação Infantil, contribui para o desenvolvimento da aprendizagem da criança de forma lúdica, bem como, para sua formação cognitiva, social e cultural, favorecendo, assim, sua formação integral. Trata-se de um período de construção de identidades, subjetividades e cultura, que tende a ser agradável e acolhedor, podendo apresentar muito sobre os projetos e atividades, sobre a rotina diária e sobre a complexa interação das pessoas que o frequentam.

A história do espaço e da constituição da Educação Infantil possui grande influência sobre as práticas atuais, tornando um desafio à construção de novas experiências a partir desse contexto, pois, o espaço/ambiente transmite sensações, evoca recordações, passa segurança ou inquietações. Existem muitos modos de se organizá-lo e torná-lo mais útil e seguro, atraindo a criança. Por isso, é necessário planejar um espaço/ambiente que promova essa interação, permitindo o convívio entre diferentes grupos, de modo que a criança possa assumir diferentes papéis e se conhecer melhor.

Pensar na organização e planejamento do espaço/ambiente exige refletir, também, na gestão, no meio de construção de um currículo que garanta o desenvolvimento integral da criança e no envolvimento de todos os atores do universo educativo, cujas práticas devem ser condizentes e comprometidas com o futuro das crianças e de suas construções sociocognitivas. Possibilitando que as crianças atuem como protagonistas, pois, é onde as práticas pedagógicas acontecem, também permite gerir o tempo, as pessoas, os materiais e o espaço. Assim, é possível definir tudo o que será executado, bem como, antecipar possíveis problemas.

As análises das pesquisas encontradas na BDTD, indicaram a importância da organização do espaço para o desenvolvimento integral das crianças da Educação Infantil, bem como a seleção dos materiais, objetos e recursos que compõem o espaço/ambiente. Tal importância se deve ao fato de que a organização do espaço favorece a espontaneidade, a criatividade, a autoconfiança, a autonomia, a segurança, a exploração, a diversidade, a polivalência, a pluralidade, a individualidade, o pertencimento, a responsabilidade e a interação com o professor e com seus pares, além de contribuir para a formação humana. Além disso, as análises permitiram identificar os desafios encontrados pelos educadores sobre a organização dos espaços/ambientes nas instituições de Educação Infantil. Essas discussões, apesar de apontarem as dificuldades mais recorrentes, revelam a escola como um espaço

de construção de identidades, subjetividades e cultura, adequado para a vivência de experiências diversas, devida sua função sociopolítica e pedagógica.

As dificuldades em relação à organização do espaço/ambiente podem ser supridas, por exemplo, com o desenvolvimento de ações pedagógicas eficazes, que compreendam o espaço/ambiente como componente curricular. É função do professor decidir sobre as situações que envolvem a organização do espaço/ambiente. Por isso, o mesmo, deve buscar meios para organizá-lo, equipá-lo e estruturar um projeto formativo eficaz em torno dos espaços disponíveis e dos recursos incorporados a ele.

Vale ressaltar, que a transformação do espaço pode gerar insegurança nos educadores, o que é comum, pois, tudo o que é novo se torna um desafio. Porém, essa resignificação, possibilita o enriquecimento do trabalho docente e das experiências vivenciadas pelas crianças. Para isso, o espaço deve ser pensado para estimular a curiosidade e imaginação, de modo que a própria criança se aproprie e transforme-o. Logo, torna-se imprescindível que os profissionais que atuam na Educação Infantil possuam formação específica e adequada ao trabalho pedagógico, sobretudo, em se tratando de qualidade. A formação é fundamental para uma prática docente inovadora, correspondendo às situações concretas da sala de aula.

A procura pelas respostas das questões tidas inicialmente, elencaram outras discussões. Para tanto, chegamos até aqui, compreendendo o espaço como elemento crucial no desenvolvimento infantil. Em que, relacionamos os impedimentos para a utilização do espaço enquanto recurso pedagógico, havendo apontamentos em torno do despreparo dos profissionais e também no que se refere a qualidade dos materiais fornecidos. A partir de tais aspectos, torna-se importante, salientar a relação entre a utilização do espaço e a Pandemia por Covid-19, esta é uma problemática atual e evidentemente relevante. Diante isto, a utilização dos espaços/ambientes enquanto ferramenta de ensino, tende a se modificar, considerando o distanciamento social imbuído nas práticas pedagógicas envolvidas à Pandemia. Vimos pensando também, como tais modificações, interferem na rotina e aprendizagem das crianças. E questionamos, portanto, se as alterações em torno do espaço na Educação Infantil, foram pensados para viabilizar o ensino dos educandos em meio ao contexto pandêmico. Nossas indagações são válidas, e, assim como, se deu a presente pesquisa, servirão de base para posteriores, a fim de, salientar a importância do espaço nas dinâmicas e metodologias educacionais.

## REFERÊNCIAS

---

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3ª reimp. da 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 05 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 101 p. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2021.

DUARTE, R. K. **Os espaços das pré-escolas municipais de São Paulo**: projetos, usos e transformações. 2015. 248 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2015. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/9865/1/Rivania%20Kalil%20Duarte.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

FORNEIRO, L. I. A organização dos Espaços na Educação infantil. *In.*: ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LEARDINI, E. M. F. **Um estudo sobre a qualidade do ambiente educativo da creche**. 2015. 114 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/218109362-Um-estudo-sobre-a-qualidade-do-ambiente-educativo-da-creche.html>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

NUNES, H. M. C. **A organização do espaço na educação infantil**: contribuições da Teoria Histórico-Cultural. 2018. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2018. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2018/2018%20-%20Heloisa.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2021.



PAIVA, N. S. G.; NUNES, L. G. A.; DEUS, M. F. A construção da identidade da criança na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural. **Olhares e Trilhas**, Uberlândia, MG, Ano XI, n.11, p. 85-96, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharetuilhas/article/view/13903/7958>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

PESSOA, P. S. R. **A organização dos espaços na educação infantil**: possibilidades educativas na proposta “Fazer em Cantos”. 2015. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, SP, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136025/000859007.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

RABELO, J. S. **A organização do espaço na educação infantil e o desenvolvimento integral da criança**: sentimentos e ações em turmas de Pré-Escola. 2017. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2017. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26622/1/2017\\_dis\\_jsrabelo.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26622/1/2017_dis_jsrabelo.pdf)>. Acesso em: 02 jan. 2022.

RUIZ, S. R. B. **A construção do espaço**: dos documentos às concepções e práticas educativas na educação infantil. 2015. 273f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2015. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04122019-151556/publico/SHEILA\\_REGINA\\_BRISSON\\_RUIZ.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04122019-151556/publico/SHEILA_REGINA_BRISSON_RUIZ.pdf)>. Acesso em: 02 jan. 2022.

SANTOS, D. M. **Entrelaçando vozes e embalando experiência**: as percepções dos professores sobre a organização dos espaços para a promoção do protagonismo infantil. 2021. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) - Universidade do Vale do Taquari, Univates. Lajeado, RS, 2021. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2944/1/2021DigilainiMachadodosSantos.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2022.

SILVA, V. R. **O que pensam as educadoras e o que nos revelam os bebês sobre a organização dos espaços na educação infantil**. 2018. 273 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/9002>>. Acesso em: 10 dez. 2021.



SOUZA, M. D. **Espaços/Ambientes de Infância e as Práticas Pedagógicas em Educação Ambiental.** 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do

Paraná, Curitiba, PR, 2017. Disponível em: <<https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=37984&idprograma=40001016080P7&anobase=2017&idtc=16>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

TUMELERO, N. Pesquisa exploratória: conceito, características e aplicação em 4 passos. Florianópolis: **Blog Metzzer.** 2019. Disponível em: <<https://blog.metzzer.com/pesquisa-exploratoria/>>. Acesso em: 04 dez. 2022.

VIEIRA, D. M. **Imagens da Experiência Educativa de Professores da Educação Infantil no Espaço-Ambiente do Proinfância.** 2016. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43794/R%20-%20T%20-%20DANIELE%20MARQUES%20VIEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 jan. 2022.